

Artigo

Masculinidade Hegemônica e Velhice: a cristalização do velho homem

Alice Alves Menezes Ponce de Leão¹
Mayane Ynêssa da Silva Monteiro²

Resumo

A masculinidade hegemônica se erige no tronco do patriarcado, sendo o machismo o seu traço predominante. Nesse modelo de masculinidade, “ser homem” gravita fundamentalmente nos pilares da força e da virilidade, atributos que declinam com o tempo no intercurso do processo de envelhecimento. Com isso, a identidade do homem quando atinge a velhice é posta em xeque em razão das mudanças nas respostas sexuais por ocasião da disfunção erétil e, também, pela saída do mundo do trabalho em função da aposentadoria ou pela debilidade de saúde. Por conta disso, os homens idosos apresentam resistência na aceitação da velhice, uma vez que ela se apresenta como o decreto da invalidez masculina e inutilidade social. Este trabalho tem como objetivo discutir a produção dos sentidos de violência e de autoviolência por homens idosos que se recusam aceitar o envelhecimento em nome da validação masculina. A metodologia se nutre de uma abordagem interdisciplinar a partir de uma pesquisa de iniciação científica realizada no interior de uma cidade da Amazônia com homens idosos com poder aquisitivo de consumo. Depreendemos que a cristalização dos preceitos hegemônicos de masculinidade corrobora com a menor longevidade dos homens e com a potencialização de suas doenças físicas e psíquicas.

Palavras-chave: Velhice; Masculinidade; Violência.

Hegemonic Masculinity and Aging: the crystallization of the old man

Abstract

Hegemonic masculinity is built on the trunk of patriarchy, with machismo being its predominant trait. In this model of masculinity, “being a man” fundamentally gravitates to the pillars of strength and virility, attributes that decline over time in the course of the aging process. With this, the identity of man when he reaches old age is called into question due to changes in sexual responses during erectile dysfunction and, also, because of leaving the world of work due to retirement or poor health. Because of this, elderly men show resistance in accepting aging, since it presents itself as the decree of male disability and social worthlessness. This work aims to discuss the production of senses of violence and self-violence by elderly men who refuse to accept aging in the name of male validation. The methodology is nourished by an interdisciplinary approach based on a scientific initiation research carried out in the interior of a city in Amazon with elderly men with purchasing power of consumption. We infer that the crystallization of the hegemonic precepts of masculinity corroborates with the lower longevity of men and with the potentiation of their physical and psychological diseases.

Keywords: Aging; Masculinity; Violence.

¹ Professora Adjunta do curso de Serviço Social da UFAM - Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM).

² Graduanda em Serviço Social. Bolsista de Iniciação Científica na Universidade Federal do Amazonas.

Ser homem” é uma construção social que se perfaz no campo das relações sociais de gênero. Sendo assim, nascer com a genitália masculina não é suficiente para definir o estatuto de masculinidade do indivíduo. A construção do masculino é social. Tornar-se homem é, assim, um aprendizado que pressupõe a obediência a padrões socialmente construídos e a necessidade de performar segundo determinados comportamentos consagrados como próprios do universo masculino.

Os estudos sobre homens se inserem no debate das teorias feministas, uma vez que se entende que o feminismo não é apenas um estudo de mulheres e/ou sobre mulheres, mas das relações que se estabelecem entre mulheres e homens (SCOTT, 1991).

Não se fala em Masculinidade no singular, uma vez que não existe somente uma única forma de “ser homem”. Masculinidades devem ser tratadas no plural, pois há diversas expressões de “ser homem” variando entre as culturas e que sofrem influências dos vários marcadores de diferenças que podem ser de raça, de classe e de geração, por exemplo. Dentre as diversas expressões de masculinidades, o tipo mais predominante é a masculinidade hegemônica, aquela que se erige no tronco do patriarcado, cuja característica marcante é a ideia de que o homem é superior à mulher.

No modelo de masculinidade hegemônica, o falo é o princípio de poder. Isso significa que não basta ter nascido com o órgão reprodutor masculino, é preciso ser merecedor dele, no sentido simbólico, ou seja, validá-lo dentro de um padrão de comportamento socialmente esperado por homens e para homens.

A validação masculina, do tipo “seja homem”, “honre as calças que veste” está circunscrita dentro de um padrão de comportamento que implica ser assertivo, não demonstrar sentimentos, envolver-se em condutas de risco, relacionar-se sexualmente com o maior número de mulheres possível e fazer uso de álcool. Se pudermos reduzir em duas características, podemos dizer que a masculinidade hegemônica precisa ser testificada por meio da virilidade e da força física (PONCE DE LEÃO, 2018).

O trabalho e a atividade sexual são dois medidores fundamentais da masculinidade hegemônica. Para Nolasco (1993), o trabalho é fundamental para a aquisição de dinheiro e da independência e o sexo vem em seguida como forma de valorização social. Acontece que esses dois medidores funcionam em quantidade e qualidade esperadas como satisfatórias apenas por durante um determinado tempo do ciclo existencial, como na juventude e na idade adulta, arrefecendo à medida que o envelhecimento avança.

De acordo com Bourdieu (2016), a masculinidade patriarcal não considera o envelhecimento do homem, uma vez que os atributos fundamentais que a sustentam centram-se no corpo. À medida que o tempo avança, a capacidade biofisiológica pode comprometer o (pleno) funcionamento da força física e da potência sexual. Questiona-se, então, nos moldes da masculinidade patriarcal, homem tem prazo de validade?

A velhice masculina é marcada pela retirada dos homens do espaço público, ou seja, pela saída do mundo do trabalho em razão do advento da aposentadoria, fazendo com que eles migrem para o espaço doméstico. Além disso, à medida que o envelhecimento masculino avança, podem ocorrer episódios de disfunção erétil podendo culminar na impotência sexual em casos de agravamento de doenças crônicas, como a diabetes. A velhice dos homens é encarada, então, como a morte da identidade de gênero masculina, uma vez que ela traz o comprometimento dos atributos socialmente consagrados como próprios de “ser homem”.

Em virtude disso, muitos homens negam a velhice, pois cristalizaram a masculinidade a partir da funcionalidade do corpo. Enquanto as mulheres transitam entre a ressignificação do papel de gênero na velhice, os homens ficam presos nas permanências, nas reminiscências do velho homem. Esse deslocamento da identidade masculina na velhice traz a sensação da perda de sentido da vida fazendo com que os homens idosos não se sintam mais merecedores de continuar vivendo preferindo a morte a viver como velhos.

A discussão que preside este trabalho fundamenta-se nos resultados de uma pesquisa realizada em uma cidade do interior da Amazônia com homens idosos com poder de consumo. A metodologia se nutre de uma abordagem interdisciplinar no campo das ciências humanas e sociais com priorização do enfoque qualitativo. Para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, escolhemos nomeá-los por pássaros. Os seus relatos são indicadores de que a velhice é resistida até o limite enquanto os idosos permanecem no “mundo dos homens”.

Masculinidade hegemônica: o que é?

A masculinidade hegemônica é o modelo predominante que constitui a ideia de “ser homem”. Ela é considerada hegemônica não por reduzir a ideia de ser homem a uma única possibilidade, mas por ser um modelo padrão que entrecruza outros modelos de masculinidades. Segundo Archila & Rajo (2007), o que existe são várias formas de assumir a condição masculina. Mas, na “existência das várias hierarquias no campo das masculinidades, uma sempre se impõe como superior às outras, exercendo uma dominação simbólica” (VOKS, 2017, p. 86). Nessa hierarquia, o ponto central tem a masculinidade hegemônica como norma.

O tronco da masculinidade hegemônica se erige no patriarcado, por isso, dela emana a ideia de que o homem precisa ser um super herói, invencível e impositivo, nem que para isso custe o preço da negação de sua humanidade à medida que ele precisa reprimir os seus sentimentos e frustrações. Esse modelo incorpora a forma mais honrada de ser um homem, pois ele exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitimem ideologicamente a subordinação global das mulheres (CONNEL e MESSERSCHMIDT, 2013).

Mas, afinal, o que é ser homem? Badinter (1993) deixa claro que ser homem não se restringe ao fato de ter um cromossomo Y e possuir órgãos sexuais masculinos. O fato de um indivíduo ter pênis não o torna um homem. Isso porque sexo e gênero são coisas diferentes. Sexo é biológico e gênero é social. Sendo assim, nascer macho é diferente de ser homem. Ser homem, ou melhor, a masculinidade é uma noção socialmente construída que varia ao longo do tempo e que sofre influências de vários determinantes sociais (PONCE DE LEÃO, 2018).

Para Castro (2018), a primeira compreensão que o menino tem de sua masculinidade está relacionado ao fato de ter um pênis. A genitália é a primeira constatação de que o macho precisa tornar-se homem, honrar esse órgão. A partir daí, disciplina-se o menino nos moldes do que se espera de um homem.

De acordo com Rodriguez (2018), na sociedade em que vivemos, para ser reconhecido como homem, o indivíduo deve ter e assumir uma série de características físicas e comportamentais. Assim, fisicamente, ele deve ter um pênis, barba, cabelo curto, voz grave, e comportamentalmente, sentar-se de pernas abertas, ser provedor (trabalhador), ingerir álcool regularmente, relacionar-se sexualmente com várias mulheres, ser ativo, ou melhor, heterossexual (GROSSI, 1995), ser assertivo, não demonstrar sentimentos, envolver-se em condutas de risco, dentre outros comportamentos considerados másculos.

Sendo assim, o fato de o indivíduo ter o órgão em questão não faz dele propriamente um homem. Ele precisa se fazer merecedor desse órgão, ser respeitado na comunidade masculina. Ao longo de todo o curso da vida, a masculinidade é colocada à prova e, mesmo após ser provada, ela é continuamente questionada e testificada requerendo ser provada mais uma vez tornando-se uma constante de provas inatingíveis. Boris et. al. (2012) afirmam que em virtude dessa carga que o homem recebe desde o seu nascimento, ele deve procurar reafirmar-se sempre que é homem, que é adulto e que é heterossexual.

A masculinidade hegemônica é, pois, considerada tóxica, pois pressupõe que os homens adotem uma série de comportamentos para a validação masculina, uma vez que eles não têm que provar apenas para si próprios que são homens (leia-se heterossexuais), mas para a

sociedade, tanto para os outros homens como para as mulheres que podem ameaçar a sua posição de superioridade (BOURDIEU, 2016). Dessa forma, se eles não tiverem a fama de "pegador", se não trabalharem, se se mostrarem sensíveis e/ou comovidos emocionalmente diante de algumas situações, podem ser desqualificados em sua identidade de gênero e questionados quanto à sua orientação sexual podendo ser taxados de "bichas". Nesse modelo de masculinidade, a misoginia é elemento não só constituinte, mas fundamental à medida que entende-se que a premissa fundamental de ser homem é necessariamente não ser uma mulher. Por isso, deve-se evitar a qualquer custo assemelhar-se aos comportamentos tidos como femininos.

Saffioti (1987) refere que a educação de um verdadeiro macho compreende basicamente a expressão do "Homem não chora" (Homem com H maiúsculo). Se os homens seguem esse preceito, obviamente, muitos deles tiveram que engolir lágrimas diante da tristeza, da angústia e do luto em nome desta normativa.

Diante de momentos difíceis da vida de um homem, é exigido que ele não demonstre qualquer traço de fraqueza, como emoção e sensibilidade, pois são traços tidos como característicos do feminino. Ao contrário, é estabelecido ao homem, em situações como essas, demonstrar frieza, dureza e firmeza, ou seja, uma verdadeira negação de seus sentimentos e fracassos.

Nesse padrão de masculinidade, o homem vive em um processo de autovigilância constante, evitando cair em comportamentos não másculos que coloquem sua masculinidade em dúvida. Com isso, vemos que o patriarcado não sujeita apenas as mulheres aos homens, mas também sujeita os homens aos próprios homens e às mulheres em uma relação de dominação.

Se o imperativo "Seja homem!" está ligado a expectativas sociais, por outro lado, o imperativo "Prove que é homem!" impõe uma prova individual de virilidade, pois remete à ideia de uma testificação ligada à funcionalidade do órgão reprodutor. A virilidade se constitui como um importante indicador da masculinidade hegemônica, uma vez que nos moldes do patriarcado, o homem é congratulado pela capacidade de gerar o maior número de filhos.

Nolasco (1993) afirma que desde muito cedo os homens são instigados a falar e valorizar o ato sexual, não como possibilidade de expressão de si mesmos, mas como uma maneira de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado.

A virilidade é um elo importante para a compreensão da masculinidade hegemônica, na qual o poder do macho relaciona-se a aspectos ligados à potência sexual. Machado (2004) considera que a noção de virilidade da maioria dos homens é associada ao poder de manipular

e de utilizar o corpo do outro para a realização do seu prazer sexual, concepção presente no inconsciente dos meninos desde a sua infância até a vida adulta.

Para o autor, a expectativa que a sociedade deposita sobre os homens para a validação da masculinidade é mutiladora para eles. Isso porque os preceitos da masculinidade patriarcal desumanizam os homens, não os consideram como seres integrais porque centra-se na funcionalidade biológica, no corpo. Nem sempre os homens conseguem responder em quantidade e qualidade aquilo que se espera. Se acaso fatores sociais como o desemprego, o estresse e o consumo de pornografia comprometerem a ereção ou desembocarem em ejaculação precoce, o indivíduo pode entrar em sofrimento psíquico. E o que dizer quando o homem atinge a velhice e sofre com episódios de disfunção erétil ou impotência sexual?

Essas questões nos levam a pensar que a sustentação da masculinidade nos cânones do modelo patriarcal pode ser não só violentadora, que faz com que os homens se envolvam mais em condutas que ameacem a própria vida, mas, pode ser também autoviolentadora, quando os homens perdem a vontade de viver quando não conseguem mais responder aos requisitos impostos para a validação masculina.

O modelo hegemônico de masculinidade não prepara os homens para a velhice, pois centra-se na funcionalidade do corpo. Na velhice, as mudanças biofisiológicas diminuem a capacidade de respostas dos órgãos podendo se agravar em casos onde há um comprometimento maior da saúde em virtude de doenças crônicas. Se é assim, o homem deixa de ser homem ou se torna menos homem na velhice?

Os homens idosos têm dificuldades de fazerem a ressignificação da identidade de gênero quando atingem a velhice, mantendo-se nas permanências do velho homem até a imposição definitiva dos limites do corpo. É nesse momento que eles sentem a velhice chegar. Nesse momento, a velhice se torna o rito de morte social da masculinidade, pois há a perda do sentido da vida.

A cristalização do velho homem: o espectro do machismo na velhice

O envelhecimento humano é natural e se impõe a todos os indivíduos que alcançam a longevidade. Contudo, ele precisa ser entendido em sua polissemia, uma vez que existem vários fatores que influenciam as vivências do envelhecimento, sendo o gênero um dos aspectos fundamentais (LEÃO, 2015). Os papéis sociais que homens e mulheres exercem ao longo da vida sofrem mudanças quando os indivíduos atingem a velhice, demandando que os indivíduos reelaborem o sentido de suas vidas dentro de sua condição de gênero.

As mulheres idosas entendem a velhice como um momento de libertação, já que durante as suas vidas estiveram atreladas ao papel do cuidado com os filhos e com a casa. Ao atingirem a velhice, a individualidade ganha espaço, fazendo dessa fase um tempo de reconquista de si na qual elas podem se expressar mais livremente na realização de atividades que lhes permitam expandir-se em sua condição de gênero. Dessa forma, Debert (2012, p. 185) nos diz que:

No mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para elas, um fato irreversível e define o que é envelhecer. Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida. É esse espaço que elas se apressam a ocupar. Os programas para a terceira idade criam um ambiente em que essa experiência de criatividade, autonomia e liberdade, que cada uma reconhece como possível, possa ser vivida coletivamente. A cada encontro a coletividade mobilizada reitera o que considera serem os *scripts* da velhice no passado, pondo em ação práticas tidas como inusitadas e que têm a garantia pública de que é possível e saudável envelhecer sem se confinar aos padrões antigos.

A identidade feminina é elaborada com maior fluidez pelas mulheres. Elas conseguem ressignificar a sua condição de gênero transitando do espaço privado para o espaço público, vivenciando projetos de vida que foram abortados em sua juventude e/ou maturidade quando tiveram que se dedicar aos cuidados com a casa e a família. Isso não acontece com os homens. A velhice masculina é vista como resistência até o momento em que ela se impuser por meio das limitações a capacidade de autonomia dos homens.

Os homens idosos não conseguem redimensionar a masculinidade a partir das mudanças físicas, psicológicas e sociais que a velhice traz. Qualquer possibilidade de flexibilização dos preceitos da masculinidade hegemônica pode diluir a sua condição de gênero assemelhando-os às mulheres.

Assim, Ponce de Leão (2018, p. 76) afirma que:

A ameaça aos padrões hegemônicos de identidade masculina por ocasião específica do envelhecimento do homem coloca em xeque a validade do indivíduo para si e para o outro quando se diz que, a partir de uma certa idade, o homem já não presta mais para nada. A ideia do homem inválido na velhice ocorre em razão do processo natural que resulta nas perdas graduais da força e da ereção e pode ser inaceitável para o indivíduo porque o desqualifica enquanto homem, cuja humilhação é capaz de gerar a autoviolência de preferir a morte antecipada, seja de forma natural ou provocada, do que continuar vivendo a vida sem vigor e disposição.

O aprendizado da masculinidade cristaliza-se na linha do tempo fazendo com que eles não consigam reelaborar o sentido de ser homem na velhice. Nogueira e Alcântara (2014, p. 274) também corroboram com essa ideia apontando que:

Por diversas questões, o homem vivencia muitas dificuldades no processo de envelhecimento. Lidar com a queda da virilidade, a aposentadoria, o não-trabalho, o ambiente doméstico e as relações familiares, antes destinadas apenas às mulheres, o tempo livre sem significação, a baixa participação social e o histórico de ausência de hábitos saudáveis e promotores de saúde tem contribuído para a menor longevidade masculina.

A resistência à velhice é fundamental para que os idosos permaneçam no mundo dos homens. Dessa forma, a negação dela é imprescindível. A idade não se constitui como um marcador de entrada na velhice, visto que enquanto eles ainda conseguirem cumprir os papéis socialmente determinados ao longo da vida, eles consideram que ainda se mantêm no mundo dos homens. A relação estabelecida entre velhice e masculinidade parece uma alternância, ou se é velho ou se é homem, ou melhor, ou se é inútil, inválido, incapaz ou se é um super herói.

A principal prova de sustentação de que ainda se é homem é por meio da testificação da virilidade. Para Bourdieu (2016, p. 28), o ataque à masculinidade do homem velho se dá por meio do ataque ao falo, ao “sexo mole, sem vigor, de velho”. A velhice, dessa forma, reduz o homem levando-o a cair no risível no seio da comunidade masculina. O ataque à virilidade atinge a sua honra tornando-o desprezível no mundo dos homens. Por isso, a discursividade em torno da virilidade garante a manutenção da posição de poder do homem. Vejamos o relato de Tucano (65 anos):

Velho, não! Eu tenho espírito demais de jovem! Pra você ter uma ideia como eu não me sinto velho, eu não ficaria com uma mulher de mais de 30 anos hoje porque eu tenho um espírito de 18 anos, de 20 anos, de 25 anos. Pra mim, eu sou jovem, eu sou vaidoso. Meu espírito é jovem. Não me sinto velho em nenhum momento pra fazer nada.

Tucano (65 anos) nega a velhice, pois ela ameaça a sua masculinidade diante do perigo de ataque que ela representa à virilidade. Vejamos que ele afirma a supremacia masculina dentro de um discurso misógino de desqualificação da mulher, que nem precisa ser idosa, a exemplo da idade de 30 anos que ele mencionou. Desqualificar a mulher é uma forma de reafirmar a supremacia masculina. Para Goldenberg (2014), na sociedade brasileira que cultua o corpo, a imagem da mulher é precocemente depreciada, o que não acontece com o homem que à medida que fica mais velho, torna-se socialmente mais interessante.

A valorização social do indivíduo está circunscrita à ideia de juventude. A velhice deve ser repelida em virtude dos traços físicos que despertam no outro a repulsa, a rejeição, o medo,

o asco. Se a masculinidade hegemônica puder ser personificada, ela se perfaz na imagem de um homem branco, heterossexual, jovem, de corpo atlético, com os músculos em evidência e abdômen trincado. Essa estética sustenta os atributos de força, virilidade e poder. Por isso, Gavião (69 anos) se esforça para sustentar esse padrão dizendo que: “toda tarde eu caminho pra manter a forma para a mulherada porque elas não querem homem barrigudo, né? Elas querem os bonitões, os caras de músculos, os bombados que vocês falam, né? (risos)”.

A competição sexual masculina se inscreve no terreno de validação no mundo dos homens. Para que os homens jovens não tirem vantagens sobre os homens idosos, estes últimos tentam correr contra o tempo na busca das fontes de juventude para serem aceitos no mundo da vida. Essas fontes de juventude podem ser os estimulantes sexuais, as próteses penianas, a manutenção no sistema produtivo, a ocupação de lugares socialmente frequentados por homens.

À medida que o envelhecimento masculino se prolonga, a capacidade de autonomia e independência se vê comprometida. A velhice se impõe pelo declínio das funções biofisiológicas. Os homens se sentem destituídos de sua condição masculina. A mortificação social da identidade de gênero leva o homem à perda do sentido da vida (PONCE DE LEÃO, 2018). Tendo o atributo da atividade comprometido, o homem se sente inútil, desnecessário nesse mundo, não merecedor da vida, de continuar vivendo. É o que aponta o relato de Bem-te-vi (60 anos):

A gente fica velho e vem os problemas. Eu sou praticamente um homem só, ou seja, sou solteiro. Eu fico pensando à noite... eu tenho medo da velhice. Eu prefiro morrer de infarto amanhã do que ficar velho.

Quando o cara passa daquela idade, ele já não é mais aquele garotão, entende? Tem que entregar os pontos. A mudança vem aí, que você vai deixar de ser homem 100%, algo que ninguém aceita. O homem não aceita, a mulher não aceita e eu sei que passarei por essa mudança. O homem não é homem durante 100 anos.

A invalidez na velhice vem carregada de sentido simbólico e com a conotação de gênero. A validação masculina é sujeita à aprovação do outro. Sem a permanência nos lugares sociais e sem consumir a sexualidade nos moldes patriarcais, o homem se sente um peso inútil, tendo o sentimento de que o seu tempo esgotou, pois esgotou-se a sua produtividade.

A masculinidade hegemônica se constitui, assim, não apenas como violenta quando induz os homens a se envolverem em atividades de risco, mas ela é, também, autoviolentadora na medida em que faz com que os homens percam o sentido da vida quando não podem mais responder aos requisitos para a sua validação. O desejo pela morte é um clássico exemplo que

contribui para o sentimento de impotência, desenvolvimento de ansiedade, depressão e desejo de suicídio.

Ponce de Leão (2018) relata que os principais indicadores de sustentação da masculinidade assentados no trabalho e na virilidade são, também, os principais indicadores de adoecimento psíquico e desejo de morte. Em sua pesquisa, a autora relata que os homens idosos preferem a morte do que não conseguirem mais se relacionar sexualmente com uma mulher. Este é o último decreto de sua invalidez masculina.

A cristalização da masculinidade patriarcal, hegemônica, machista contribui para que os homens vivam menos. Para Castro (2018, p. 91), *“a busca de aprovação a partir dos parâmetros da masculinidade hegemônica leva os homens a um processo constante de frustração por não ser possível atingir os padrões impostos por esta visão de masculinidade”*. Enquanto o velho homem não fizer o redimensionamento de sua identidade de gênero na velhice, ele estará sujeito a uma baixa qualidade de vida e, principalmente, a uma menor expectativa de vida, uma vez que pela perda do sentido, ele nega a longevidade como uma dádiva.

Considerações Finais

A masculinidade hegemônica é tóxica. Os homens, não. Ela mata, violenta, subjuga, oprime. Os homens, não. À medida que o homem é posto à prova, principalmente pela sua tão cobrada virilidade, o mesmo se sujeita a comportamentos violentos. A pesquisa revela que os homens negam a velhice porque invalida a sua identidade de gênero masculina. Enquanto eles conseguem sustentar os resquícios dos princípios da masculinidade patriarcal que se ancoram no vigor físico e na virilidade, eles se mantêm vivos no mundo dos homens e, consequentemente, negam a velhice. Velhice e Masculinidade caminham em direções opostas, portanto. Para eles, envelhecer não parece uma dádiva, mas uma sentença, primeiro de morte social, depois de suicídio.

Referências

ARCHILA, Francisco Reyes & RAJO, Larry José Madrigal, Re-imaginando a masculinidade: caminhos diversos para a reflexão sobre a relação de gênero entre Bíblia, gênero e masculinidade. In: RIBLA, n. 56 – 2007/1, Petrópolis: Vozes, 2007.

BADINTER, Elisabeth. **XY: Sobre a identidade masculina**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BORIS, Georges; BLOC, Lucas; TEÓFILO, Magno. **Os rituais da construção da subjetividade masculina**. Ceará: UNIFOR, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. **Redimindo masculinidades**: Representações e significados de masculinidades e violência na perspectiva de uma teologia pastoral amazônica. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 2013.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GROSSI, Miriam. **Masculinidades: uma revisão teórica**. Florianópolis: Antropologia em Primeira Mão, 1995.

LEÃO, Alice Alves Menezes Ponce de. **Serviço Social e Velhice**: perspectivas para o trabalho do assistente social na promoção à saúde do idoso. Manaus: EDUA, 2015.

MACHADO, Lia. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

NOGUEIRA, Ingrid; ALCÂNTARA, Adriana. **Envelhecimento do homem**: de qual velhice estamos falando? São Paulo: Revista Kairós Gerontologia, 2014.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PONCE DE LEÃO, Alice Alves Menezes. **Sexo e sexualidade na velhice**: práticas transgressoras e negociadas no contexto amazônico. Tese de doutorado. Universidade Federal do Amazonas, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.

RODRIGUÉZ, Shay Lenís de Los Santos. **Masculinidades clandestinas**: a transmasculinidade. Rio Grande: VII Seminário corpo, gênero e sexualidade, 2018;

VOKS, Douglas. Discursos sobre a masculinidade: o “novo homem” na revista Playboy. Santa Catarina: Caicó, 2017.